

LAZARE, VENI FORAS!

Cesar Augusto de Oliveira Casella¹

E quando, enfim, se arredondou, oval,
na plenitude de sua alegria,
dentro da mesma casca que o encobria
volveu ao centro original.

Rilke
[O fruto, tradução de Augusto de Campos]

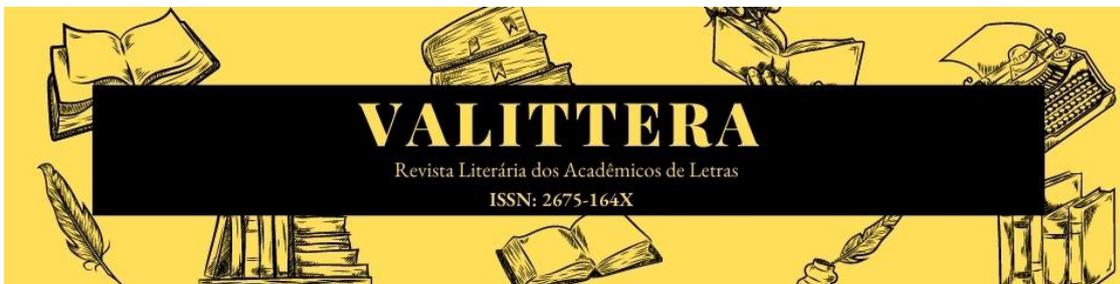
Três peregrinos adentraram a vila, em passos lentos, quase arrastados. Homens sem idade, com troncos nus, ombros e peitos manchados de sujeira e sangue, os cabelos e barbas cheios de poeira, os tornozelos e os punhos eivados de chagas. Marcados pela peregrinação e pelo sol, os olhares quase apagados, os lábios fechados, eles estavam cingidos ao silêncio. A vida, quase completamente, se igualava à morte.

Havia luz no céu e o andar pesado dos peregrinos revolia o chão de areia da vila, fazendo um barulho algo próximo ao que fazem os pequenos animais quando rolam intermitentemente na terra.

Em uma das casas, que dava frente para o poço d'água que ficava no extremo leste da vila, o ferreiro, sua esposa e os filhos, terminavam a parca refeição noturna. Ele se levantou, terminado o jantar, tomou um copo d'água nas mãos e dirigiu-se à soleira da porta de entrada da casa, aberta para deixar entrar o frescor da noite.

O ferreiro observava o céu, a lua e as estrelas. Ele pretendia esquecer-se do dia de ferros quentes, do martelo pesado e do trabalho na forja. A esposa e os filhos ficaram na

¹ E-mail: cesar.casella@gmail.com.



cozinha, cantando uma canção antiga, lavando a pouca louça e arrumando o cômodo. O ferreiro sorria sozinho no umbral da porta.

Os três peregrinos se aproximaram do poço d'água. Cada um deles segura uma cuia em suas mãos trêmulas e imundas. Eles se serviram do jarro que ficava à disposição dos que tinham sede, depositado sobre uma grande pedra ao lado da borda do poço.

Um de cada vez, os peregrinos beberam da água, lentamente, e depositaram as suas cuias no chão. Um frescor parece ter percorrido os corpos dos três pois, por um instante, o ferreiro viu a lua brilhar nos olhos dos peregrinos.

Depois de satisfeitos, os três peregrinos abaixaram-se e sentaram-se sobre as areias, pondo-se em descanso, imóveis, inamovíveis, em uma espécie de torpor ou de vigília, com os olhos fechados, as pernas cruzadas e a espinha ereta.

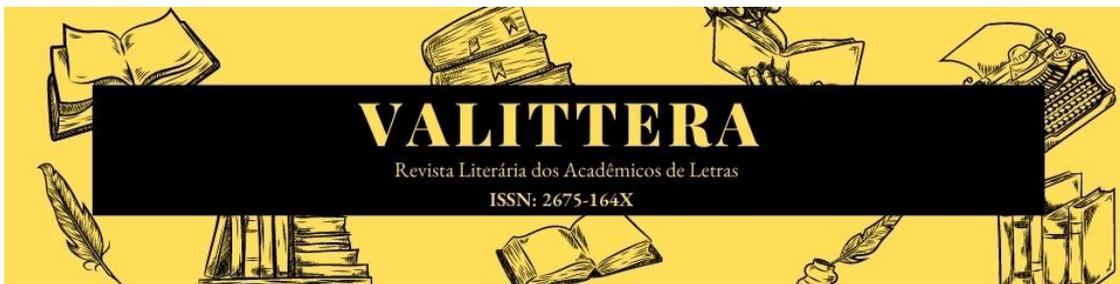
O ferreiro observou, atentamente, todos estes movimentos dos peregrinos. O céu e os seus habitantes luminosos deixaram de ser a sua distração da noite. Cruzou os braços, apoiou o ombro, ajeitou-se no umbral e ficou olhando-os, fixamente, à espera de algo que ele não saberia nomear.

De dentro da casa a esposa o chamou. Uma vez e mais outras. Por fim, veio até o umbral, recolheu o copo d'água da mão do esposo e avisou-o, sem saber se o ferreiro a escutava, que estava indo dormir. Os filhos já haviam deitado. O ferreiro nada respondeu.

Próximo ao poço, sentados no chão, os três peregrinos continuavam imóveis. A madrugada se fez presente e depois chegaram os primeiros traços da alvorada. De pé, ainda encostado no umbral, o ferreiro sentiu que um pensamento difuso afluía. A sede, a água, o poço, uma fonte... Imagens mal acabadas se formavam e então, de imediato, se apagavam. Algo como um fluxo se estabelecia. A água, o poço, a sede, uma fonte...

O poço, a água, a sede, uma fonte... uma lágrima escorreu pelo rosto do ferreiro. Os ruídos do início da movimentação dos peregrinos, que se punha de pé, chegaram até ele. Um dos peregrinos, o de barba mais curta, o mirou, ainda que parecesse não o ver, com seus olhos apagados. Este peregrino, então, ergueu o braço em direção ao horizonte.

Instantaneamente, o ferreiro virou-se e olhou para dentro de sua casa. Sorriu pela última vez. Tirou a sua camisa, puída por tantos anos de trabalho sobre a bigorna. Descalçou



a sandálias gastas no ir e vir dos afazeres. Voltou a olhar os três homens que já se moviam, lentamente, em direção ao horizonte em que o sol aparecia.

Quatro peregrinos deixaram a vila, com seus passos lentos, quase arrastados...